

DF-Invasão

NINGUÉM SEGURA A ESTRUTURAL

CORREIO BRAZILIENSE 14 JUL 1999

ATRAÍDA PELA INSTALAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA, NOVA LEVA DE INVASORES OCUPA MAIOR FAVELA DO DF

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

O movimento é constante. Dia e noite. Pelas ruas esburacadas e poeirentas, caminhões trafegam com móveis empilhados, e carroças passam carregadas de madeirite e telhas de amianto. No alto dos postes que a Companhia Energética de Brasília (CEB) fincou no início de junho pelas mesmas ruas, os funcionários de uniforme azul apressam a ligação dos fios de alto tensão. Ainda este mês, as famílias da invasão da Estrutural terão luz nos seus barracos.

A benfeitoria da energia elétrica e a garantia do governador Joaquim Roriz de dar prioridade aos moradores da invasão no programa habitacional têm encantado famílias carentes, que estão construindo dezenas de barracos por toda a favela. As pessoas vêm até das cidades do Entorno. Cercam lotes com arame farpado, capinam o mato e fincam as madeirites no chão. A maioria dos novos invasores tenta disfarçar o barraco novo. Usam óleo diesel queimado para pintar as frágeis tábuas, dando-lhes aparência de velhas.

Há ainda denúncias de especulação. Gente que invade,

capina a vegetação de cerrado, cerca o lote e constrói o barraco. Depois vende. Não escapa nem a área à beira da pista da Estrutural, que liga o Plano Piloto a Taguatinga. Os barracos já podem ser vistos de longe. Há até casebres de alvenaria. Como o que a mineira Glair Monteiro Rocha, de 34 anos, está construindo. Ela mora em Céu Azul, cidade vizinha a Valparaíso, na região do Entorno.

"Lá não tem lugar para morar como aqui. Estamos arriscando como todos os outros da Estrutural arriscaram", conta a dona-de-casa, mãe de quatro filhos e mulher de um vendedor de limpa-do, o cearense Antônio Dário do Nascimento, 61 anos, observa de perto a construção da casa de um cômodo. E solta o comentário desaprovando o inchaço da invasão. "Dona moça, isso aqui é um descuido só do governo. Se não tomarem providência, daqui a pouco os barracos chegam à pista", conta o invasor,



que diz estar há mais de dez anos na Estrutural.

A baiana Rosita Maria Gomes também não gosta dos novos invasores. "O que está acontecendo aqui é uma falta de vergonha. Os caminhões de mudança chegam de noite e de dia, e a polícia não faz nada. Daqui a pouco vão fazer barraco até dentro do córrego (Vicente Pires)", reclama a viúva de 48 anos que mora com dois dos 12 filhos numa chácara da invasão. Ela afirma que nas últimas duas semanas, a invasão aumentou muito. "Só encostados na minha cerca têm cinco. Estão

lá pra quem quiser ver", descreve, apontando para os barracos.

POLICIAMENTO

O inchaço da Estrutural não é novidade para o governo. Estimativas do Sistema de Vigilância Integrado do Solo (SivSolo) e do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab) apontam quase 800 barracos construídos de janeiro para cá. "Estamos tentando impedir, mas não conseguimos controlar todos", admite o gerente do SivSolo, coronel Jair Tedeschi. Já são 3 mil os barracos da Estrutural.

O único cuidado para evitar "o crescimento desmiado da invasão" é o policiamento 24 horas, na entrada da invasão. A equipe de três policiais militares é orientada a impedir a entrada de caminhões carregados com material de construção. Mas não conseguem. "Ficamos só aqui. Há outras entradas", explica o soldado Vécio Germano de Oliveira, de 35 anos.

Com as novas invasões, a

Estrutural, que há seis meses vinha exibindo tranquilidade, beira um conflito iminente. Dona Rosita, por exemplo, denuncia ameaças. "Isso aqui está perigoso. Podem até me matar. As pessoas invadem a minha chácara e depois saem dizendo que eu é que loteei e vendi", conta a viúva, que diz morar na área há 15 anos.

Realmente é o que comenta a vizinhança. "O problema aqui é a Rosita. Ela perturba todo mundo. Vende lotes e depois implica com o pessoal", afirma a vizinha baiana, Alzira da Silva Soares, de 24 anos. Na frente do seu barraco que tem um bar e uma mesa de sinuca, a prima Lúcia Silva, de 30 anos, começa a construir. "Morava com o meu sogro, que está há oito anos na Estrutural. Por que não posso ter o meu canto e ganhar o meu lote?", questiona a mãe de três filhos.

MIGRANTES

Mas os novos invasores não surgem apenas dos barracos antigos da própria Estrutural. Há os migrantes. Juliana Souza, 20 anos, abandonou o aluguel de R\$ 150,00 na Quadra 212 do Recanto das Emas para cercar um lote na favela. A mudança chegou ontem de manhã. Geladeira, fogão de quatro bocas, camas desmontadas e painéis estão amontoados no chão de poeira fina.

O marido Valdir, um marceneiro desempregado de 27 anos, batia o martelo nos pregos tentando juntar as madeirites velhas que comprou. "Hoje mesmo vou morar aqui", diz a moça, mãe de uma menina de dois anos, que ficou com a mãe no Recanto das Emas. "Só não fiquei numa das invasões do Recanto porque lá está tudo lotado", explica Juliana. O casal resolveu então arriscar a Estrutural. "Estão colocando energia elétrica. Não iam fazer isso de graça. Acho que vão deixar o pessoal aqui", aposta a nova moradora da invasão.

MEMÓRIA

REMOÇÃO DE INVASORES A CONTA-GOTAS

Durante quatro anos, o governo Cristovam Buarque anunciou que retiraria os invasores da Estrutural. Mas as primeiras famílias só começaram a abandonar o local em 1997 e 1998. Feito o cadastramento pelo Instituto de Desenvolvimento Habitacional, 1.011 de um total de 3.272 famílias concordaram em ser transferidas para lotes semi-urbanizados

no Recanto das Emas, Planaltina, Samambaia e Riacho Fundo. Restaram, portanto, 2.261.

Esse número, entretanto, já é bem maior. Foi crescendo desde que o governador Joaquim Roriz assumiu o Palácio do Buriti. O SivSolo estima em três mil o número de barracos na invasão. A contagem não é precisa porque a equipe do Idhab não terminou o levantamento socioeconômico das famílias e a marcação dos barracos com tinta azul.

Até agora, já foram pesquisadas 1.810 famílias. A previsão é que o trabalho termine no final deste mês. Isso, é claro, se a

construção de barracos for contida. Ainda não há operação marcada para a remoção dos novos invasores. Só ficarão lá os antigos, que moram há mais de cinco anos no local.

Na avaliação do governo, essas famílias passaram a ter prioridade na política de moradia desde o momento em que foram transferidas da Alta para a Baixa Estrutural no governo passado. O governador Joaquim Roriz nunca falou, porém, em assentar os invasores no local, mas em transferi-los dali. Em compensação, receberiam moradia em vez de apenas lote.